

Os vieses das linguagens e traduções na Filosofia e a convivência com Levinas: este foi o resultado da conversa de Lúcio Packter com dois importantes nomes da Universidade Hebraica de Jerusalém

Línguas e Levinas

Em uma parceria entre o Instituto Packter e a Universidade Hebraica de Jerusalém – uma pós-graduação com o tema Diálogos entre Levinas e a Filosofia Clínica –, um grupo de 35 filósofos clínicos, após uma série de estudos realizados no Brasil, dirigiu-se a Israel para aulas intensivas naquela instituição. Um dos professores foi Cyril Aslanov, um linguista franco-israelita com grande destaque em sua área. É um dos mais importantes e respeitados professores da Universidade Hebraica de Jerusalém e chefia o departamento de Estudos de Romance e Latino-americanos daquela instituição. Entre seus livros estão *Le provençal des Juifs et l'hébreu en Provence: Leditioinaire Sharshot ha-Kesef de Joseph Caspi* (Leuven-Paris: Peeters, 2001), *Le français levantin Jadis et naguère: À la recherche d'une langue perdue* (Paris: Honoré Champion, 2006), e *Sociolingüística Histórica de las lenguas judías* (Buenos

Aires: Lilmod, 2011). Outro palestrante foi Shalom Rosenberg, Professor Emérito nos Departamentos do pensamento judaico e de Filosofia na Universidade Hebraica de Jerusalém. Estudioso do pensamento de Emmanuel Levinas, teve oportunidade de conhecê-lo e descreve aqui essa experiência. Rosenberg foi professor visitante da Universidade de São Paulo e ministrou aulas no curso de pós-graduação da instituição em setembro passado intitulado: *Jerusalém e Atenas? Filósofos judeus leem a Bíblia Hebraica*. Seus livros são *Good and Evil in Jewish Thought* [O bem e o mal no pensamento judaico] (Heb, MOD, 1985), *In the footsteps of the Kuzari* [Seguindo os passos do Kuzari] (Maale, Jerusalém, 1991), entre outros. As entrevistas foram concedidas a Lúcio Packter em Jerusalém no final de março e compõem um número especial para comemorar a edição de aniversário desta revista. Seguem os principais trechos:

Lúcio Packter é filósofo clínico e criador da Filosofia Clínica. Graduado em Filosofia pela PUC-FAFIMC de Porto Alegre (RS). É coordenador dos cursos de pós-graduação em Filosofia Clínica da Faculdade Católica de Anápolis, Faculdade Católica de Cuiabá e Faculdades Itecne de Cascavel. luciopackter@uol.com.br



ENTREVISTA Cyril Aslanov





Sendo a Filosofia o resultado de uma reflexão sobre a sabedoria, mais do que a sabedoria mesma (a qual seria *sófia* e não *filosofia*), ela compartilha com a língua a dimensão metalinguística

Filosofia • A Filosofia inicia pela língua? Ou com imagens e relações com o tempo, o espaço, com as intuições?

CYRIL ASLANOV • Sendo a Filosofia o resultado de uma reflexão sobre a sabedoria, mais do que a sabedoria mesma (a qual seria *sófia* e não *filosofia*), ela compartilha com a língua a dimensão metalinguística, ou seja, a capacidade de falar de si mesma. Nem as imagens nem as intuições espaço-temporais são capazes de desenvolver um discurso sobre elas mesmas porque não chegam ao nível da abstração metalinguística. Elas são infralinguísticas, ao passo que o discurso linguístico ou filosófico é metalinguístico por definição. Um linguista pode escrever um livro sobre a própria disciplina e até sobre a história da reflexão metalinguística sobre a linguística. Do mesmo jeito, um filósofo pode refletir metafilosoficamente sobre a essência ou a história da Filosofia. No entanto, um artista não pode desenhar uma linha ou utilizar uma cor para referir-se de um modo imanente à mesma linha ou à mesma cor. O infradiscorso da Arte sobre si mesma não é nada mais do que uma tautologia ou uma repetição. O mesmo vale para a Música. Assim, quando Tchaikovsky inseriu fragmentos da *Marseillaise* na Sinfonia 1812, ele não refletiu musicalmente sobre a essência do hino nacional francês, mas sugeriu a atmosfera ou o símbolo associados com essa melodia. Por isso, essa citação musical não pode ser nem reflexiva nem abstrata.

Filosofia • Como é possível filosofar sem conhecer o grego e o alemão?

CYRIL ASLANOV • Filosofar é possível em todas as línguas, mas está certo que não é possível chegar a uma compreensão profunda das filosofias grega e alemã sem ter acesso ao texto original. A razão principal dessa limitação é o condicionamento que a língua grega exerceu sobre o nascimento da Filosofia. Assim, uma palavra como *ironia* arrisca ser entendida de modo errado se não se percebe o relacionamento entre *eironeia* (o étimo grego da palavra *ironia*) com o verbo *erein* “perguntar; interrogar”. E, na verdade, a *eironeia* socrática não

é um modo de zombar das pessoas como a *ironia* moderna, mas uma interrogação radical e deliberadamente ingênua sobre as opiniões convencionais.

Quanto à língua alemã, talvez ela seja menos necessária para ler Kant, que trata de reconstruir as categorias do pensamento além da linguagem. No entanto, filósofos românticos como Schelling ou Hegel ou filósofos modernos como Nietzsche ou Heidegger acordam uma tal importância à própria terminologia que a tradução arrisca deformar a concatenação do seu raciocínio, que está muito arraigado na semântica e até na gramática da língua alemã. Sendo a filosofia deles um jogo quase poético sobre a língua, a tradução das suas obras não pode refletir a dimensão estética que faz parte integral da argumentação daqueles filósofos-feiticeiros.

Filosofia • Hoje, em 2012, a Filosofia é essencialmente logocentrista?

CYRIL ASLANOV • Acho que após a crítica antilogocentrista de Derrida e após a abertura a sabedorias orientais em que a palavra (o *logos*) não é central, a Filosofia ocidental libertou-se em certa medida da exclusividade logocentrista. No entanto, pode-se acusar Derrida de ter sido responsável da regressão da Filosofia para a etapa da sofística, anterior à revolução socrática e a refração dela nos escritos de Platão. Do mesmo modo, é legítimo criticar a extensão do termo “Filosofia” a sabedorias que não passaram por um processo de conversão reflexiva inseparável da revolução socrática. Seja o que for, talvez essa associação da Filosofia com o *logos* seja a marca de um etnocentrismo associado demasiadamente com as modalidades do pensamento ocidental. Assim, a reação contra o antilogocentrismo derridiano reflete provavelmente um conservadorismo acadêmico refratário a todo tipo de evolução e de mutação.

Filosofia • A Filosofia latina não se libertou da Filosofia grega? Continua como uma espécie de sombra dela?

CYRIL ASLANOV • Não só a Filosofia latina não se libertou da grega mas, de forma geral, quase toda a



civilização romana está em uma situação de devido respeito ao modelo helênico. Essa dependência é mais flagrante ainda no campo da Filosofia, no qual os romanos não tinham nenhuma experiência antes de se colocarem na escola dos gregos. Cícero fez um trabalho titânico para criar uma terminologia filosófica latina, mas seus esforços não comportaram nenhuma dimensão original. Também Sêneca não foi nada mais do que um adaptador do pensamento estoico no horizonte cultural latino. Nem sequer Agostinho foi um filósofo autônomo, com respeito aos modelos gregos. O mesmo se pode dizer de Boécio, que traduziu o *Organon* de Aristóteles para o latim no início do século VI. Paradoxalmente, a Filosofia de expressão latina alcançou a própria especificidade quando o conhecimento do grego decaiu no Ocidente. No século IX, João Escoto Erígena já aparece como um pensador maduro, capaz de desenvolver uma Filosofia teológica quase independente dos modelos gregos (embora tivesse traduzido a obra do Pseudo-Dionísio do grego para o latim). Só o isolamento do Ocidente, em consequência das invasões bárbaras, libertou a Filosofia latina medieval da dependência dos onipresentes modelos gregos. De uma coisa ruim (a regressão cultural consecutiva àquele isolamento) resultou então uma coisa positiva (a autonomia da Filosofia ocidental).

Filosofia • Fílon conseguiu escapar ao Helenismo?

CYRIL ASLANOV • Como dizia o filósofo judeu francês Bernard Henri-Lévy, Fílon era refém da língua grega. Parece que ele não conhecia outro idioma, nem sequer o hebraico, pois os judeus de Alexandria tinham esquecido a língua ancestral. Eles até rezavam em grego nas sinagogas e liam os rolos da Lei em grego. Porém, a dívida de Fílon com respeito ao Helenismo é maior, se considerarmos que ele não somente usava a língua grega mas também o pensamento grego. Ele era tão influenciado pelo pensamento grego que procurou reinterpretar o Pentateuco inteiro segundo os padrões conceituais da Filosofia grega. Além de ser refém da língua grega e do Helenismo, ele pôs a Torá como refém daquela cultura e daquela língua. Não é fortuito que o judaísmo rabínico nunca reconheceu a legitimidade de seus escritos. No entanto, os cristãos – em primeiro lugar Clemente de Alexandria – adotaram seus escritos e imitaram sua leitura tipológica das Escrituras.

Filosofia • Para Levinas, o Talmude é filosófico. Você concorda com isso?

CYRIL ASLANOV • De jeito nenhum. A Mishná (Lei oral) e o seu comentário (Guemará), que compõem juntos o *corpus* talmúdico, são um conjunto de textos de caráter jurisprudencial, com muitas digressões narrativas. Nada de comum, nem com o nível de abstração da reflexão filosófica, nem com o fato de a Filosofia ser o resultado de uma conversão reflexiva do pensamento sobre si mesmo. Além disso, a exposição talmúdica é associativa e indutiva em vez de ser discursiva e dedutiva como o raciocínio filosófico. No entanto, pode-se sempre reformular o Talmude de um jeito filosófico mediante uma reestruturação do texto pouco respeitosa de sua autenticidade. Na verdade, na tradição do estudo talmúdico, especialmente na tradição lituana, da qual Levinas reconhecia-se o herdeiro, há uma possibilidade de brincar com o texto para extrair qualquer coisa dele. *As Leituras talmúdicas* de Levinas constituem uma tentativa fascinante para extrair um conteúdo filosófico de um texto concebido nas margens do mundo grego, em oposição a ele, e em consequência distante das preocupações filosóficas dos gregos. Aliás, Levinas tinha provavelmente uma concepção maior e mais pluralista da Filosofia e não quis ver o caráter profundamente afilosófico do Talmude.



Filosofar é possível em todas as línguas, mas está certo que não é possível chegar a uma compreensão profunda das filosofias grega e alemã sem ter acesso ao texto original

Filosofia • Falar em democracia grega no século V, por exemplo, não é um paradoxo? Que democracia era aquela que tinha ainda a escravidão?

CYRIL ASLANOV • Na verdade, os atenienses do século V usavam a palavra “democracia” que significa literalmente “governo do povo (*dêmos*)”. Foram eles que inventaram esse termo. Porém, o conteúdo que eles davam a essa palavra era bem diferente da nossa concepção da democracia. A razão principal é que os atenienses restringiam a categoria do *dêmos* aos cidadãos de sexo masculino nascidos de pais atenienses, o que excluía automaticamente os escravos, os estrangeiros (*metecos*) e as mulheres. Além disso, a população do Estado ateniense no século V era bem pequena (menos de 400 mil habitantes em Atenas e na sua região, dos quais só 172 mil eram cidadãos livres). Aquelas proporções modestas permitiam o exercício da democracia direta, mas, como eu disse antes, somente para uma categoria bem determinada de privilegiados. Paradoxalmente, os atenienses, que se tornaram expansionistas e imperialistas quando estabeleceram a liga de Delos, impuseram o modelo democrático a outros gregos, o qual foi percebido como uma violência escandalosa da parte dos súditos do império marítimo ateniense.

Filosofia • A gramática universal de Noam Chomsky, baseada na língua inglesa, não reduz todas as línguas a um único modelo conceitual?

CYRIL ASLANOV • Chomsky cometeu o erro inconsciente de projetar a especificidade da gramática inglesa ao nível da gramática universal, quase equivalente à Lógica. Isso é duplamente problemático: primeiro, porque não está certo que se possa falar de universais linguísticos inatos na consciência. A história de Mogli e de outras crianças criadas por bichos demonstra suficientemente que a aquisição da linguagem é ambiental, não hereditária. Segundo, porque uma gramática universal não se pode desenvolver a partir do padrão de uma língua natural somente, mas a partir de uma tipologia linguística capaz de subsumir a diversidade

das línguas humanas. Em uma certa medida, o linguista estadunidense caiu no mesmo tipo de ilusão na qual caíram os autores da *Grammaire de Port-Royal* (1660). Essa gramática reflete uma confusão deliberada entre a lógica universal e a gramática da língua francesa. Em ambos os casos, a ambição de equiparar a Lógica com a gramática de uma língua específica (o francês em 1660; universais linguísticos cuja formulação está muito influenciada pelo fato de Chomsky ser anglofalante) revela uma forte dose de etnocentrismo, consciente da parte dos franceses, denegado da parte de Chomsky.

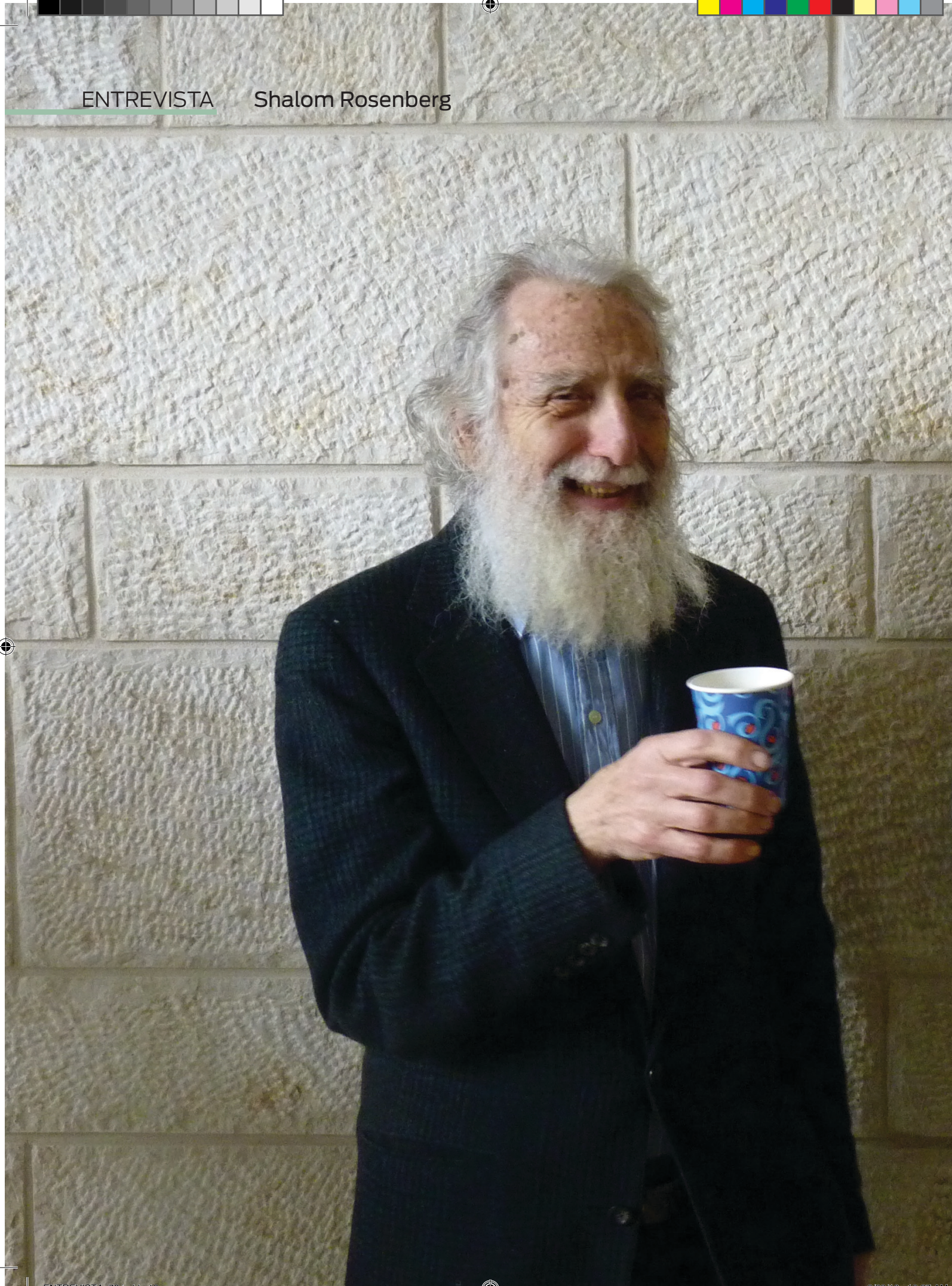
Filosofia • Você acha possível a um filósofo brasileiro ler Heidegger em português e entender a essência do pensamento heideggeriano? Como compreender, por exemplo, o conceito do *Da-sein* em português?

CYRIL ASLANOV • Em princípio, tudo teria que ser traduzível. Porém, o raciocínio filosófico de Heidegger está baseado em boa parte sobre brincadeiras de palavras que só fazem sentido em alemão. Por exemplo,





ENTREVISTA Shalom Rosenberg





Existe uma grande diferença entre o Levinas oral e o Levinas escrito. O Levinas oral era uma pessoa pitoresca, capaz de se explicar de forma gráfica, com o corpo

quando Heidegger escreve que o destino (*Schicksal*) é o fato de uma pessoa ser jogada (*geschickt*) no mundo, ele está brincando com o sentido etimológico da raiz *schick-* que aparece na palavra alemã *Schicksal*, “destino”. Isso é dificilmente comunicável para uma língua que não seja o alemão. Naturalmente, pode-se remediar essa limitação usando parênteses e notas de rodapé quando se traduz Heidegger para outra língua. Quanto à palavra *Dasein* (existência), parece que aqui o problema não está relacionado apenas com Heidegger, mas de modo geral à diferença entre a língua alemã e as línguas românicas. Nestas últimas, as palavras derivam do latim e não têm uma transparência etimológica imediata. Para um lusófono, um hispanofalante, um italiano ou um francês, a palavra *existência* é um conceito abstrato. Para um alemão, *Dasein* fala por si mesma porque a palavra significa uma coisa muito simples, além de se referir ao conceito de existência: o fato de estar aqui (*da sein*). Nessa abordagem quase cratilista da língua alemã se pode reconhecer uma dimensão irracional que, no caso de Heidegger, põe em questão a transparência do seu raciocínio. Essa opacidade antirracionalista constitui o denominador comum entre a Filosofia de Heidegger e a ideologia nazista com a qual o filósofo identificou-se plenamente.

Shalom Rosenberg

Filosofia • Você teve a oportunidade de conversar muitas vezes com Levinas. Como era conversar com ele?

SHALOM ROSENBERG • Cativante e excitante. A verdade é que existe uma grande diferença entre o Levinas oral e o Levinas escrito. Quando pensamos em Levinas por escrito, há uma determinada forma. Mas o Levinas oral era uma pessoa pitoresca, capaz de se explicar de forma gráfica, com o corpo. Eu me lembro quando ele nos falou em uma aula sobre Ética usando uma frase, que trata da limpeza, das armas. Algo sobre não utilizar as armas quando isso não for moral. E ele então, em mímica, fez de conta tomar

nas mãos um fuzil. Ele esteve na Segunda Guerra Mundial e os oficiais cuidavam muito para que não existisse nenhuma impureza no cano do fuzil, pois afinal eram dados castigos se tivesse um pouco de pólvora no interior do cano, e ele limpava e limpava. Levinas, então, mostrou um contraste, fazendo de conta que olhava pelo cano de uma arma, e dizia: “olhe, esta é a diferença entre o que é ensinado ao soldado, limpeza das armas, e o que deveria ser ensinado ao soldado, a limpeza moral das armas, não usá-las para o mal”. Este é um exemplo do Levinas oral do qual falei, com o qual me encontrei.

Filosofia • Você é um dos especialistas mais respeitados em Levinas. Você constata paradoxos e contradições no pensamento do filósofo?

ROSENBERG • Bem, primeiramente o paradoxo é um fato universal e nos resta apenas comentar isso. O que acontece é que, pode ser, e isso é parte do que eu acredito, há aqui uma responsabilidade limitada, parcial. Este é o meu ponto de vista. Mas se existe outro ponto de vista nisso, aprecio que o leitor possa distinguir entre eles. Eu acredito que muitas das obras de Levinas estavam em uma época, em um quarto



de século no qual as pessoas estavam dominadas por aquilo que ele chama de Totalidade. Em um termo: Totalidade é aquilo que chega ao Totalitarismo. Ou seja, onde tudo está dominado pela concepção de algo que é o todo, e o homem é uma parte deste jogo de quebra-cabeça onde está o todo, nada mais. E isso, para o mundo onde estava Levinas, era muito importante; de um lado estava o mundo fascista e do outro lado estava o mundo comunista – e os dois falavam de Totalidade, mas logicamente de uma Totalidade diferente. Agora, no mundo ocidental – e eu aqui não vou me referir ao mundo oriental – vivia-se uma época de individualismo, e então há que complementar Levinas. Porque Levinas tem razão em outro sentido, pois há nisso, dentro disso, uma debilidade que, tenho que entender, não é de todo debilidade. Porque o mundo estaria dividido em dois hemisférios intelectuais: de um lado, o hemisfério onde está o indivíduo, onde está Israel, o nosso Ocidente, e o outro hemisfério, o Oriente, onde talvez está uma Totalidade, uma Totalidade religiosa que segue subsistindo.

Filosofia • Levinas é um filósofo que cresce muito na América Latina. Na sua opinião, quais as razões para este interesse no pensamento de Levinas?

ROSENBERG • Bem, eu estudo Levinas, não sou um especialista em América Latina. No entanto, tenho a dizer o seguinte: algo que me parece muito importante, a Ética de Levinas não está embasada em um sistema filosófico, está baseada no encontro com o outro. Com o que é este outro. Aí que nasce esta Ética. Então ele trouxe a possibilidade, com justiça, de fazer a Ética ser anterior à Metafísica, anterior à Ontologia, anterior a tudo. A Ética não é mais o piso dezessete da construção filosófica, segundo ele, é a base, o subsolo, o piso primeiro, do qual saem as colunas.

Filosofia • Qual é o grande problema, em sua concepção, no pós-modernismo?

ROSENBERG • Este é um tema muito amplo. Eu diria que o pós-modernismo detectou problemas-chave, pecados capitais no modernismo. A meu ver, nos três vértices do triângulo: o campo dos valores, o campo das crenças ou do que aceitamos e o campo das esperanças ou das utopias. As pessoas trabalham amplamente nestes três campos: no campo cognitivo, o que podemos acreditar (estilo Kant); o que temos que fazer, campo prático, pragmático; e, o terceiro, o campo sentimental. Agora, o modernismo pecou, e o exemplo mais evidente está nas utopias criadas

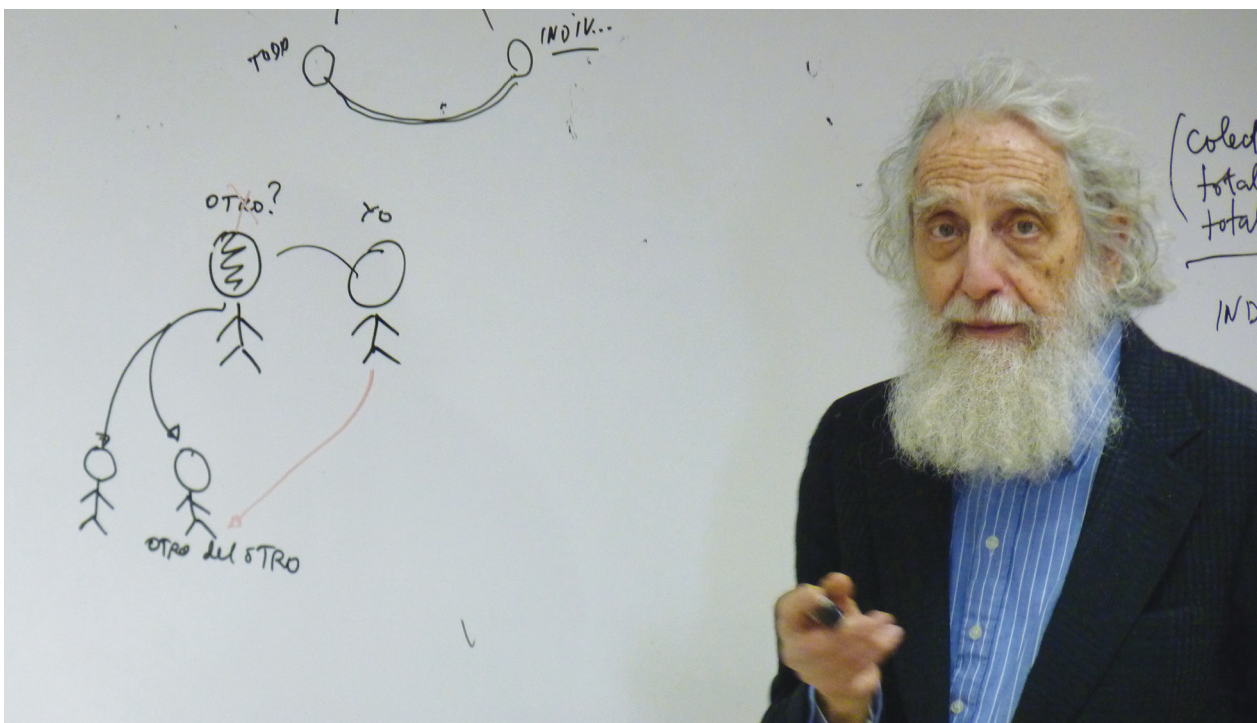


FOTO • PEDRO DE FREITAS JUNIOR



Hoje estamos em uma espécie de luta, cada um de nós como pessoa luta, está em um triângulo, onde luta entre tentação e norma, entre dúvida e fé, entre desesperação e esperança

nesse período, como no caso do fascismo e do stalinismo. O que fazer? Temos duas possibilidades. Uma é dizer que tudo isso foi ruim, ou que isso é ser pós-modernista, ou seja, perdemos valores que eu creio que temos que ter; outra possibilidade é dizer que somos o neo-modernismo, ou seja, queremos voltar a muitas coisas do modernismo, mas sem os pecados do modernismo. Os pecados foram que de um lado a Europa fala de igualdade, liberdade, fraternidade, e de outro, escravizou a África e parte da Ásia, e isso é um pecado que, com justiça, a Europa deve pagar. Mas, para além disso, não podemos perder a aceitação de que nem tudo é igual, contra o relativismo.

Filosofia • Levinas notou o perigo do stalinismo, enquanto seus amigos pareciam não perceber? Em que momento?

ROSENBERG • Em 1930, antes da guerra, Levinas escreveu um artigo muito especial. Naquele artigo, ele afirmava que para deter os perigos graves do nazismo, todos teriam de se unir, no mundo inteiro, desde a Igreja Católica até o Comunismo. Claro que ele viu o que era o Comunismo, mas havia ali um perigo maior e comum que poderia interceptar a liberdade humana: o nazismo. Quando nós escutamos a palavra racismo, raças, isso quer dizer que a pessoa está condenada, ou eleita, antes de nascer. Mas, mais adiante, muitas vezes, Levinas não quis aceitar, saiu contra a idolatria ao Comunismo que havia naquela época; idolatria que estava atrelada ao fato de que toda pessoa honesta não poderia aceitar outra concepção. Se a luta era entre Comunismo de um lado e a dominação do outro, logicamente que as pessoas seriam pelo Comunismo... mas os dilemas, evidentemente, são muito mais complicados. Levinas negou as revoluções feitas de forma tal que o homem não pudesse continuar sendo homem; ou seja, muitas vezes as utopias são demasiado boas e lindas para que possam se realizar, e isso é o que o Comunismo não viu. Para mim, existe aqui uma diferença grande quanto à pergunta anterior, uma

diferença entre Sartre e Camus. Porque, para mim, Camus entendeu isso e não se rendeu aos radicalismos do que foi a revolução comunista. Sartre sim. E eu creio que se colocamos estes dois tipos, representados por Camus e Sartre, como os dois lados – Levinas notou isso e falou muito disso – temos de um lado os ideais comunistas e do outro os interesses da União Soviética ou da Rússia; são coisas totalmente diferentes, mas na história moderna um se uniu ao outro. E isso, eu creio, é parte de todo o problema do Oriente.

Filosofia • Nós perdemos a verdade por causa da democracia?

ROSENBERG • Em essência, há razão nessa pergunta. Existe aqui um paradoxo. Eu creio que, sempre que existe democracia, tem de existir o estar com as ideias dos outros, mas há um lugar no qual a democracia não está desse modo e, devo dizer – acho que muita gente não vai me entender ou vai me entender e me odiar por isso – que há um lugar onde o darwinismo tem razão. Sabe onde é? Nas Universidades. Existem nelas uma luta darwiniana. Quando há duas teorias, de alguma forma há coisas que são éticas e morais que permitem a existência das duas teorias diferentes, mas no que se refere à verdade, tenho que dizer, se refere a uma luta darwiniana. Exemplo: se eu estudo Física, não quero a verdade, quero isso que ela mostra. Mas chega um momento em algumas coisas em que eu não posso dizer que tudo é igual.

Filosofia • Para você, onde estamos hoje na existência?

ROSENBERG • São perguntas que pedem reflexões. Bem, quando falei dos três vértices, penso que hoje estamos em uma espécie de luta, cada um de nós como pessoa luta, está em um triângulo, onde luta entre tentação e norma, entre dúvida e fé, entre desesperação e esperança. Isso, para mim, é a luta de cada um de nós. E eu acredito que esse é o ponto onde estamos.

lilo